

## HUMOR NÃO GERA FAKE NEWS

Humor do not generate fake news

Humor no genera noticias falsas

Sírio Possenti<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3358-4984>

### RESUMO

O ensaio discute a seguinte questão: por que afirmações humorísticas “falsas” não são consideradas fake news, o que é um fato empírico. Apresenta e analisa brevemente alguns enunciados que circularam na mídia e que nunca foram assim classificados. A hipótese apresentada é a de Victor Raskin, que assume que humor não é *bona fide*, ou seja, não tem compromisso com a verdade. Em seguida, distingue dois tipos de fatos e sustenta que só em relação ao um deles a questão das fake news é posta. Conclui com algumas considerações sobre esta última tese, entre elas que esses enunciados esperam um leitor atento.

**PALAVRAS-CHAVE:** humor; fake News; leitura.

### ABSTRACT

The essay discusses the following question: why “false” humorous statements are not considered fake news, which is an empirical fact. It briefly presents and analyzes some statements that circulated in the media and that were never classified as such. The hypothesis presented is that of Victor Raskin, who assumes that humor is not *bona fide*, that is, it has no commitment to the truth. It then distinguishes two types of facts and sustains that only in relation to one of them does the question of fake news arise. It concludes with some considerations about this last thesis, including that these statements await an attentive reader.

**KEYWORDS:** humor fake news, reading.

---

<sup>1</sup>Professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Atua em diversas áreas da Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, principalmente na subárea da Análise do Discurso, em especial nos campos do humor e da mídia. Coordena o Centro de Pesquisa FEStA (Fórmulas e estereótipos: teoria e análise), que reúne pesquisadores de diversas universidades. Autor de diversos livros, dentre os quais “Os humores da língua”, “Humor, língua e discurso” e “Cinco ensaio sobre humor e análise do discurso” e fez diversas traduções no campo da análise do discurso, com destaque para “Gênese dos discursos” e “As fórmulas filosóficas”. E-mail: [siriop@terra.com.br](mailto:siriop@terra.com.br).

## RESUMEN

El ensayo aborda la siguiente cuestión: por qué las declaraciones humorísticas “falsas” no se consideran fake news, lo cual es un hecho empírico. Se presenta y analiza brevemente algunas declaraciones que circularon en los medios de comunicación y que nunca fueron catalogadas como tales. La hipótesis presentada es la de Victor Raskin, quien asume que el humor no es *bona fide*, es decir, no tiene compromiso con la verdad. Luego distingue dos tipos de hechos y sostiene que sólo en relación con uno de ellos surge la cuestión de las noticias falsas. Se concluye con algunas consideraciones sobre esta última tesis, entre ellas que estas afirmaciones esperan un lector atento.

**PALABRAS CLAVE:** humor; noticias falsas; lectura.

Neste breve ensaio, não vou me preocupar com a caracterização mais detalhada das fake news, tema já bastante explorado, em relação ao qual, no entanto, não se deve esperar nenhum consenso. Nos debates mais constantes, o interesse de um conjunto de cidadãos que ganham com essa verdadeira indústria, criou um simulacro: qualquer forma de controle sobre elas seria uma violação da liberdade de expressão. A questão posta como central é “quem vai decidir o que é uma verdade/fake news?”; e os exemplos são invariavelmente opiniões sobre temas políticos, distantes da questão verdade/mentira.

Como ponto de partida, assumo que as fake news prototípicas têm a ver com fatos, ocorridos ou não, e não com versões mais ou menos fieis de declarações políticas ou ideológicas. O exemplo mais célebre talvez tenha sido a invenção da “mamadeira de piroca” – isto é, as tais mamadeiras simplesmente nunca existiram.

Para este ensaio, vou considerar que fake news é sinônimo de mentira, literalmente, embora haja nuances a serem levadas em conta quando se quer compreender o fenômeno tal como ele se apresenta em diversas sociedades<sup>2</sup>. Sobre os diversos aspectos envolvidos, ver, por exemplo, o breve e interessante verbete de Rafael Cardoso Sampaio (2022). Inclui, por exemplo, problemas como levar em conta se quem cria ou dissemina uma fake news sabe que se trata de uma mentira, se ela é deliberadamente produzida ou não, entre outras questões, como, por exemplo, o fato de que é um fenômeno relacionado às redes sociais (assim, por exemplo, uma mentira política disseminada na Veneza dos Médici não seria uma fake news). Mônica Zoppi-Fontana (2021) leva em conta componentes emocionais ou carentes de razão. Estabelece uma possível escala entre desinformação, mentira e incentivo à desrazão. Também considera relevante distinguir se o enunciador é um político ou apenas um “tio do zap”, etc. Roussin (2023) inclui fatores cognitivos e psicanalíticos na análise. Como as fake news são um fenômeno complexo, talvez seja o caso de assumir, parafraseando alguém que falou mais ou menos isso sobre pornografia, que “não sei definir, mas quando ouço uma fake news, eu sei que é”.

---

<sup>2</sup> Uma resolução TSE de 2022 “veda divulgação ou compartilhamento de fatos sabidamente inverídicos ou gravemente descontextualizados” (<https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2022/resolucao-no-23-714-de-20-de-outubro-de-2022> ). Talvez esta caracterização seja relevante, pelo menos para determinadas finalidades, como para caracterizar delitos na esfera eleitoral.

Neste trabalho, vou analisar alguns dados tendo como direção o “problema” formulado no título, e que vou detalhar um pouco na análise de alguns enunciados. Como ponto de partida, a “pergunta de pesquisa” é por que leitores sabem distinguir nos enunciados abaixo afirmações que podem ser analisadas como verdadeiras ou falsas, mas não aplicam este critério ou o mesmo tipo de juízo a outras passagens. Consideremos, para começar, os casos (1) a (4) abaixo.

- (1) Tarcísio de Freitas tira pedras do rim em hospital em Londres, e Bolsonaro tenta roubá-las achando que são preciosas.

Trata-se de um enunciado do humorista Zé Simão, na coluna publicada na Folha de S.Paulo (no dia 01/04/2023, p. C6). O enunciado contém duas afirmações. A primeira, “Tarcísio de Freitas tira pedras do rim em hospital em Londres”, é uma notícia verdadeira, como atestado pelos jornais e outros meios de comunicação (ver, por exemplo, <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tarcisio-de-freitas-e-operado-e-retira-pedra-do-rim-em-londres/>. Acesso em 03 jul. 2024).

A segunda, no entanto, tem estatuto diferente. Que “Bolsonaro tenta roubá-las achando que são preciosas” é uma afirmação assumida por Zé Simão<sup>3</sup>. Ao que tudo indica, e por diversas razões, entre as quais as condições típicas para que se efetue um roubo (Bolsonaro não estava em Londres para efetuar a ação, por exemplo), é uma afirmação sem correspondência na realidade. Não se trata de um fato. A “invenção” do autor da afirmação tem, no entanto, um certo lastro, porque foi produzida exatamente na época em que o país ouvia repetidamente informações sobre tentativas de apropriação por Bolsonaro de joias recebidas do governo da Arábia Saudita. Pelas interpretações dominantes das regras brasileiras relativas a presentes não “personalíssimos” recebidos pelo presidente, eles pertencem à Presidência, isto é, ao patrimônio do país.

Dado que a afirmação em questão não é verdadeira, pareceria que preenche as condições necessárias para ser uma fake news. No entanto, pode-se afirmar que não é o caso, considerados diversos critérios. Por exemplo, ninguém reclamou da divulgação de uma notícia falsa sobre Bolsonaro. Nenhuma instituição entre as que checam notícias se deu ao trabalho de fazer isso em relação a essa afirmação. Provavelmente, se alguém a contestasse (um dos filhos no parlamento, por exemplo) ou se alguma agência de verificação rastreasse sua origem e circulação, seria objeto de riso. Muita gente se divertiria com a “burrice” de quem lesse essa frase como se fosse ou pretendesse ser verdadeira, como se merecesse ser simplesmente objeto de discussão. E isso por uma simples razão: todos os que leram ou ouviram essa afirmação a interpretaram como humorística, ou seja, como isenta da questão da verdade. Acrescente-se – o que é um fator muito relevante, talvez decisivo para a interpretação da afirmação – que a frase faz parte da coluna de Zé Simão, conhecido humorista, cujos textos nunca foram – que se saiba – objeto de denúncia por veicularem notícias falsas (nem mesmo por serem eventualmente derrisórias ou ofensivas).

---

<sup>3</sup> É uma decisão do leitor fazer este julgamento, mas espero mostrar que ele tem fundamento.

O segundo exemplo é mais simples: trata-se de um enunciado com uma afirmação apenas, e, portanto, a questão se resume em avaliar seu estatuto: se tem pretensões jornalísticas, isto é, se quer ser uma notícia (uma manchete), ou se tem apenas pretensão humorística:

(2) Free shop escondeu joias e relógios para a chegada do ex-presidente Bolsonaro (Sensacionalista, citado por Zé Simão, Folha de S.Paulo, 01/04/2023, p. C6);

Não seria completamente inverossímil que uma loja escondesse produtos para evitar possível prejuízo, se algum larápio conhecido passasse por ela em determinadas circunstâncias. Mas a afirmação em questão, além de ser de autoria de um humorista, contém elementos que fazem com que não seja interpretada como ameaça ao patrimônio das lojas do *free shop*. Roubo de mercadorias nesses espaços podem ocorrer, mas provavelmente não envolveriam joias caras, guardadas mais cuidadosamente do que, por exemplo, um boné ou uma lembrança artesanal. Além disso, a passagem de um presidente por tal espaço faria com que a curiosidade dos outros passageiros funcionasse como vigilância. O que o autor da frase faz é algo típico do humor: exagerar. Se o ex-presidente roubou<sup>4</sup> (ou pretendeu incorporar a seu patrimônio pessoal) joias recebidas pelo governo, roubaria joias sempre que pudesse, mesmo em lugares mais ou menos públicos.

Considere-se agora o enunciado seguinte:

(3) Lula cria brecha para empresa estadual de saneamento atuar sem licitação (Folha de S.Paulo, 06/04/2023, A17).

Este enunciado é uma notícia. Informa um ato do executivo (Lula é o presidente da República). Ao mesmo tempo, é uma análise do ato do executivo: “cria brecha” significa que Lula torna possível a atuação de empresas estatais em determinado segmento. O verbo “criar” implica que se trata da abordagem nova, que antes tal brecha não existia. A avaliação pode ser um elogio ou uma crítica, conforme a ideologia que sustenta essa avaliação. Quando políticos ou juristas discutem quem decidiria o que é uma fake news, frequentemente os exemplos são opiniões. Em relação a esta notícia, alguém pode considerar que a linguagem informal (“abrir brecha” em vez de “permitir” ou “possibilitar”, por exemplo), implica também uma crítica, que, eventualmente, tente desacreditar um governante. Mas está longe de ser uma mentira, factualmente, e parece impossível que alguém assim a avalie. Em seguida, vejamos:

(4) Comércio global desacelera em 2023, diz OMC (Folha de S.Paulo, 06/04/2023).

---

<sup>4</sup> “Roubar” é obviamente uma palavra de opositores; defensores descreveriam as tentativas de “ficar com as joias” como um direito – eram presentes – ou como uma interpretação eventualmente equivocada, mas não mal intencionada.

Este enunciado também é uma notícia. Mas a questão não é a verdade ou falsidade da afirmação sobre a desaceleração do comércio global, mas se é verdade que esta é uma avaliação da OMC. Se for falso que o comércio desacelerou, isso não implica que o jornal veiculou uma fake news, mas sim que a declaração da OMC é falsa. A notícia é sobre ter havido tal declaração da OMC, e é o que deve ser apurado, caso haja alguma dúvida.

Dado que não há diferenças estruturais entre os quatro textos (dois são manchetes com pretensão de verdade; as outras duas são outra coisa, apesar da aparência), uma hipótese mais ou menos ingênua diria que basta uma comparação dos enunciados com os fatos para obter uma conclusão sobre quais são verdadeiros.

Atualmente, isso poderia ser feito por uma agência de checagem, que, de outra maneira, continua considerando a relação entre os enunciados e as coisas, sendo a coisa eventualmente outro enunciado.

Esses dados são suficientes (multiplicá-los acrescenta pouco) para passar à questão desse ensaio: por que frases/afirmações humorísticas nunca são lidas como fake news, apesar de sua estrutura idêntica à das frases/afirmações verdadeiras e à das falsas. E, mais relevante, apesar de não serem verdadeiras. Além disso, frequentemente emergem e circulam nos campos políticos e ideológicos, espaços nos quais as fake news são ao mesmo tempo mais comuns e também se tornaram objetos de preocupação nos campos jurídico e no político, talvez no religioso.

Dominique Maingueneau (2006), ao tratar da cena da enunciação, observada especificamente do ponto de vista do leitor/ouvinte, propõe que ela se divida em três subcenas: a cena englobante (que diz respeito ao campo – religioso, político, literário, etc.); a cena genérica, que diz respeito ao gênero, pois cada gênero implica formas de recepção específica (uma propaganda não é lida como uma notícia, etc.). Por sua vez, os gêneros obedecem a cenografias, ou organizações textuais, endógenas (quando adotam formas mais ou menos estáveis) ou exógenas, quando são encenados como se fossem outro gênero (por exemplo, uma propaganda com formato de notícia ou um romance com formato de diário).

Esta concepção de leitura supõe que leitores/ouvintes decidem, diante de um texto, a qual campo ele pertence: religioso, político, científico... Voltando aos exemplos acima comentados: lendo cada uma das afirmações, os leitores devem decidir, com base em alguns indícios (autor, veículo, verossimilhança...), se se trata de humor ou de jornalismo (noticiário). Anote-se que é perfeitamente possível que um texto de um campo seja lido como se pertencesse a outro. Tem sido comum que gêneros ficcionais (filmes, novelas, romances) sejam avaliados em relação à "verdade". O fato representa muito bem que a língua não é simplesmente um meio de comunicação, que a leitura depende de diversos fatores, e que, portanto, o equívoco é possível.

Parece bastante claro que os enunciados acima serão lidos como aqui sugerido: ou seja, que a segunda afirmação do exemplo (1) e o exemplo (2) não serão

considerados notícias. Aqui, o conceito de cenografia é útil: embora pareçam manchetes, por terem a mesma estrutura, não são manchetes: são frases humorísticas<sup>5</sup>.

Decidido que se trata de humor, ainda é necessário sustentar que, por isso, determinadas afirmações não caem na classe das fake news. Para isso, outro passo é necessário. Ele consiste na tese de que o humor não tem compromisso com a verdade. Se um enunciado humorístico não deve ser tomado como verdadeiro, ou, mais que isso, não deve ser analisado em termos de condições de verdade, segue-se que também não deve ser analisado em termos de falsidade.

Raskin (1985) defende que as piadas são um modo de comunicação *non-bona fide*. Ou seja, não estão vinculadas à máxima griceana da qualidade (diga somente aquilo que acredita ser verdadeiro)<sup>6</sup>. O que vale para as piadas vale para outros textos humorísticos (charges, memes, comédias). O mesmo critério se aplica a frases como as acima consideradas, cujo efeito de humor não decorre de uma ambiguidade ou de uma quebra de expectativa, como é comum nas piadas.

Quando uma pessoa faz uma declaração que pretende que seja lida na chave do humor, deve apostar na argúcia dos leitores. Cada frase que faz parte de uma coletânea humorística (uma prática bastante comum) correu o risco, quando proferida originalmente num determinado contexto, de ser considerada uma afirmação verdadeira, ou seja, de ser avaliada como uma verdade com a qual o enunciador se comprometeu. Sua inclusão em uma coletânea humorística, no entanto, sugere fortemente que deve ser lida de outra forma.

Essas duas regras fazem com que essas “desmanchetes” sejam lidas como pertencendo a um domínio no qual a questão da verdade (e, portanto, a da falsidade ou da mentira) não se põe. Assim, o humor lembra mais a literatura do que o jornalismo ou a história. Ninguém visita o túmulo de Capitu ou de Diadorim, mas tem gente que visita o de Ayrton Senna e de outros mortos “reais” ilustres.

Assim, embora os primeiros enunciados acima destacados sejam falsos, ninguém os considera fake news: é porque se trata de humor e o humor não se compromete com a verdade. Isto é, com certo tipo de verdade, a factual no sentido mais corriqueiro.

Mas por que, então, esses enunciados parecem dizer alguma coisa sobre pessoas e fatos? E, mais geralmente, porque as comédias e outros gêneros humorísticos parecem ser sobre grupos de pessoas (políticos, professores) ou mesmo sobre personalidades (presidentes referidos pelo nome) ou tipos (caipiras, policiais) e parecem não ser simplesmente invencionices, mas calcados em “realidades”?

Talvez valha a pena considerar que podem estar em questão diversos tipos de verdade, como na literatura e em outros tipos de ficção (cinema, entre outros). Capitu

---

<sup>5</sup> Uma forma relativamente estável não garante que um texto seja exemplo de um gênero específico. Um “experimento” pode ser só uma propaganda...

<sup>6</sup> Uma piada que começa com “Quando Fulano morreu...” ou “Quando o gerente entrou no escritório, a datilógrafa...” não implicam que X morreu nem que certo gerente entrou no escritório. Trata-se apenas de “começos de histórias” que lembram mais a ficção do que o jornalismo.

não existiu, portanto, não traiu. Nem por isso se podem negar os adultérios na vida real; nem que haja – e aos montes – homens inseguros.

Pode ocorrer, por exemplo, que um certo fato não se verifique (Bolsonaro não tentou roubar determinadas pedras), mas mesmo assim ele pode ser um larápio (ou é um para parte da população), considerando outros eventos nos quais ele esteve envolvido, ou foi acusado de estar envolvido.

Esta hipótese obrigaria a retomar a pergunta que imortalizou Pilatos, mas evitando um relativismo banal. Seria necessário que a análise considerasse outras questões, entre as quais a seguinte: se o humor não veicula verdades, por que, por exemplo, se considera que ele agride grupos em certos tipos de piadas? Digamos, cruamente: por que ele pode ofender, se não é para valer, mas é uma piada, considerada não comprometida com a verdade?

Uma resposta talvez seja a seguinte: uma piada pode não pretender dizer uma verdade, mas ela pode ser proferida “para valer” em relação a um discurso que ela evoca, e que está na base da piada. Uma piada não diz uma verdade porque ela a afirma, mas porque subjaz a ela um discurso histórico (por exemplo, há corrupção). Que um vício seja atribuído a uma pessoa é apenas uma estratégia – uma forma de encenar uma narrativa. Eventualmente, mesmo assim pode ser considerada ofensiva – por exemplo, se a piada se referir a um grupo que se sente rebaixado ou agredido. A piada só surge porque esse discurso circula e é considerado verdadeiro por muita gente. “Dom Casmurro” pode ser sobre a possível traição de Capitu (ainda se fala disso), mas pode ser também sobre a maneira como homens analisam mulheres numa determinada sociedade, seja por serem machistas (uma questão social), seja por serem inseguros (uma questão psicológica<sup>7</sup>).

Uma ampliação da noção de fato (ou de acontecimento) pode ajudar a esclarecer a questão<sup>8</sup>. Pode-se considerar que a palavra “fato” se refere a eventos ou acontecimentos como uma enchente, um roubo, a falsificação de um documento, um projeto do executivo ou do legislativo, uma postagem num aplicativo. Mas também se pode considerar que são fatos, por exemplo, uma crise da democracia, a ressurgimento de guerra fria, a decadência do ocidente. Enunciados sobre o primeiro tipo de fatos se podem facilmente ou consensualmente ser avaliados como verdadeiros ou falsos – uma checagem ou um *print* podem ser prova suficiente. Já enunciados sobre o segundo tipo de fatos são claramente controversos: ninguém trataria como mentiras teses contra ou a favor da existência de uma nova guerra fria, por exemplo.

Em suma, humor não produz fake news por duas razões:

- a) porque a questão da verdade não vem ao caso, num certo nível; especialmente se é uma afirmação sobre uma pessoa ou um fato de tipo bem “objetivo”;

---

<sup>7</sup> Evidentemente, “Dom Casmurro” não se restringe a esses dois temas, como a fortuna crítica não cessa de sustentar.

<sup>8</sup> Sobre a questão, ver Michel Foucault (1972).

b) porque está implícito que se trata de um tipo de verdade, consequência de se tratar de um certo tipo de fato; as ditas fake news nunca são sobre teses; sempre são sobre fatos no sentido mais comum de fato, aquele sobre o qual se pode dizer uma mentira.

Uma conclusão geral a que se pode chegar em relação à avaliação destes enunciados, é que eles esperam um leitor mais ou menos especial: basicamente, munido de “desconfiômetro”, relativamente informado sobre fatos, e capaz de passar de um mundo a outro: do considerado sério, noticioso, ao jocoso e, eventualmente agressivo, mas sutil, elegante.

## Referências

FOUCAULT, Michel. 1972. Retornar à história. In: **Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972. p. 282-295.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

RASKIN, Victor. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1985.

ROUSSIN, Juliette (2023). Fake news: uma questão de crença. In: ALMEIDA, Júlia; BARONAS, Roberto Leiser (orgs). **Fake-news: abordagens discursivas**. Araraquara: Letraria, 2023. p. 24-34.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Fake news. In: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz (orgs). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: CEPE, 2022. p. 133-136.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola. 2021. p. 87-104.

Recebido em 02/05/2024

Aceito em 15/08/2024

## Anexo

Neste anexo, acrescento algumas frases humorísticas a que tive acesso “sem querer” em aplicativos como *feed* de notícias ou que recebi de amigos pelo *WhatsApp*. A cada uma acrescento breve comentário, pensando em leitores eventualmente distraídos ou que não tiveram conhecimento de determinados fatos, relevantes para a compreensão das frases. Mas o leitor sempre pode ir a um sistema de busca para obter mais informações.

1. “Dólar a R\$ 4,77 é para ajudar a quem disse que ia sair do país se eu ganhasse a eleição”, diz Lula (do FEED, Sensacionalista). **Lula não disse isso; mas alguém poderia dizer, numa conversa informal; é um caso típico de ironia, portanto.**
2. Alta do PIB: único setor que caiu foi venda de bandeiras do Brasil para colocar na janela (do FEED, do Sensacionalista) - **Ninguém disse isso, a não ser o próprio “jornal”, que atribui a frase a algum enunciador de quem não se pode afirmar mais do que provavelmente ser um eleitor derrotado na última eleição presidencial.**
3. Bolsonarista vende o carro para não ter que pagar gasolina 12% mais barata (do FEED). **Afirmção “falsa”, absurda, mas lastreada em fatos – a gasolina está mais barata. O humor decorre da afirmação absurda de que alguém venderia o carro para não pagar a gasolina mais barato; implícita está a recusa em aceitar uma vantagem – preço mai baixo – apenas porque ela ocorre num governo indesejado.**
4. Justiça bloqueia dinheiro de Bolsonaro e ele diz que sua conta jamais será vermelha (do FEED) – **não houve bloqueio dos bens de Bolsonaro; há uma alusão a “nossa bandeira jamais será vermelha”; a afirmação é atribuída a Bolsonaro, mas no modo jocoso, sem compromisso com a verdade.**
5. Vaquinha para pagar passeio de submarino para Bolsonaro supera arrecadação da vaquinha oficial (do FEED) – **Os fatos: a) houve uma vaquinha para ajudar Bolsonaro a pagar multas; a arrecadação foi grande (17 milhões); b) ricos construíram um pequeno submarino para chegar ao Titanic; o submarino explodiu; que se queira que Bolsonaro faça mesma viagem só pode significar um desejo...; mas a questão crucial é que esta segunda vaquinha não ocorreu; é humor.**